

L . E . T . D F . R . A . S

Câmara Legislativa do Distrito Federal
Ano II - Nº 23 e 24

Suplemento Cultural
1996



Teatro exige Dulcina Viva

■ **Paracatu e os
caminhos para
os Goyazes**

História do Entorno

Brasília, fruto do espírito desenvolvimentista do povo brasileiro nos anos 50/60, tem a sua história por demais conhecida aqui e em várias partes do mundo. O título concedido pela Unesco a Brasília, de Patrimônio Cultural da Humanidade, representa o reconhecimento da tenacidade e força de vontade de nossa gente.

Para valorizarmos essa epopéia é preciso que tenhamos conhecimento dos vários anos de história que nos rodeiam. Isto é, a história das cidades que formam o chamado Entorno de Brasília. Algumas são cidades centenárias, tais como Luziânia, Formosa e Paracatu, que tiveram participação marcante nos processos de colonização do Centro-Oeste e na consolidação da interiorização da nova capital.

O DF-LETRAS criou uma seção especial: A História do Entorno, com o objetivo de contar às novas gerações como foi a colonização do Planalto Central. Para isso, contamos com a colaboração preciosíssima de historiadores e pesquisadores das histórias da região dos cerrados, tais como Paulo Bertran, Oliveira Mello, José Dilermando Meireles, Antônio Pimentel, entre outros tantos abnegados. Neste número, publicamos uma matéria sobre Paracatu, que tanto colaborou para a integração do Distrito Federal ao Centro-Oeste.

A matéria especial de capa retrata a situação de crise por que passa a Fundação Brasileira de Teatro e as tentativas de salvar o teatro Dulcina e a Faculdade de Artes de Brasília.

Nelson Pantoja
Coordenador

Chico Nóbrega
Editor

Expediente

DF-Letras, Suplemento Cultural do Diário da Câmara Legislativa do Distrito Federal.

Vice-Presidência

Coordenador de Editoração e Produção Gráfica:

Nelson Pantoja

Editor DF-Letras:

Chico Nóbrega

Projeto Gráfico:

Claudio Gardin

Programação Visual:

Marcos Lisboa

Capa:

Ana Caçador

(Desenho em bico de pena a partir de fotos dos anos 40 de Dulcina de Moraes e de Odilon Azevedo encenando uma comédia de costumes)

Fotografia:

Silvio Abdon

Carlos Gandra

Revisão:

Vania Maria Codeço Velloso

Anamaria Silva Pinheiro

Ilustradores:

Ana Caçador, Margarette de Cássia, Claudio Gardin e Marcelo Perrone

Chefe da Seção de Editoração:

Gilmar Martins Borges

Equipe:

Antonio Eufrauzino, Apolo Guandalini, Cláudio de Deus, Francisco Dino, Hélio Araújo, Antônio de Brito, José C. de Sousa, Nelci Stein e Sérgio Cáceres

Chefe da Seção Gráfica:

Randal Martins Junqueira

Equipe:

Abimael Amorim, Adeilton Godoy, Antônio Carlos Pereira, Carlos A. de Macedo, Celso Santana, Denilson Caldas, Edson de Lima, Glacy Barrozo, Gonçalo Magalhães, Jonatas Martins, José Gomes, José Bergamaschi, José de Albuquerque, Lázaro Tolentino, Luiz Fidyk, Oscar Monterrojas, Reinaldo Andrade, Rogério Muniz, Vicente Lima e Wilton Pimentel

Tiragem:

5 mil exemplares

Esta edição compreende os meses de janeiro e fevereiro, números 23 e 24 respectivamente.

Os autores das matérias publicadas não recebem qualquer valor pecuniário e é de sua inteira responsabilidade o conteúdo das mesmas.

Redação:

Coordenadoria de Editoração e

Produção Gráfica

Fones: (061) 348-8412 e 348-8959

Fax: (061) 348-8316

Câmara Legislativa do Distrito Federal

SAIN - Parque Rural

CEP 70086-900 - Brasília-DF

Fone: (061) 348-8000

NESTA EDIÇÃO

Editorial	2
Viva Dulcina!!!	3
Paracatu do Príncipe	7
Literatura e Vasectomia Cerebral	16
Recordações de um Bruxo	17
Dom Machado	19
Platão, a Poesia e os Poetas	25
Crônica de um Dia Triste	27
Outras Palavras	28
Cartas	29
Poesias	30



Nos anos 40 e no início dos anos 50, a televisão ainda era tida como uma engenhoca de laboratório. De muito futuro, mas ainda não expressava o fenômeno de massa dos nossos dias. Com a ajuda da “telinha” o sucesso e a celebridade das pessoas acontecem em um piscar de olhos. Hoje, todos nós temos o direito aos nossos 15 minutos de glória proporcionados pelos meios de comunicação de massa.

O sucesso é mais uma conjugação de interesses momentâneos do “mercado” com a disponibilidade do “público” para determinada “novidade”. Talento? Nem sempre é necessário.

Com a espantosa rapidez na troca de ídolos em nossos dias e a banalização do mundo causada pelos veículos de comunicação de massa, onde a televisão tem destaque neste altar tecnológico, querer falar de uma pessoa que brilhou nestes últimos 60 anos na história do teatro brasileiro é pedir ou exigir demais num país sem memória como o nosso. Mas o DF-LETRAS irá correr o risco. Vamos resgatar nestas páginas a atriz e figura humana extraordinária que foi e é Dulcina de Moraes,

Silvio Abdon



“a maior atriz do teatro brasileiro”, no dizer de Fernanda Montenegro, outra grande dama dos nossos palcos. Idealizadora e criadora da Fundação Brasileira de Teatro, Dulcina de Moraes, hoje com 88 anos, vive doente, sob cuidados médicos proporcionados pela Fundação e pelos muitos amigos que fez ao longo de sua existência.

Mesmo no leito, ela, por intermédio dos amigos, luta para que a chama do seu ideal de artista e educadora, inclusive com emprego de seus próprios recursos financeiros, permaneça viva: sua obra maior, a Fundação Brasileira de Teatro. Os sucessivos planos e crises econômicas enfrentados pelo país têm ameaçado essa obra gigantesca de Dulcina.

A Fundação sentiu o golpe. A crescente inadimplência dos alunos com a Faculdade de Artes acarretou o desequilíbrio de suas contas e a redução dos cursos oferecidos, prejudicando, também, a qualidade do ensino. Como consequência, a própria procura pela Faculdade diminuiu e a FBT, mantenedora da Faculdade, do teatro Dulcina e do miniteatro Conchita, não tem conseguido arcar com os prejuízos. A Fundação Brasileira de Teatro pede socorro! A cultura brasileira e a memória nacional exigem a sua imediata defesa.

Viva Dulcina!!!

"Meu Deus! É longa a arte, e nossa vida é curta"

(Goethe)

Fotos: Silvio Abdon



B. de Paiva defende a criação urgente do Museu Dulcina de Moraes para preservar as roupas e objetos de cena usados pela grande dama do nosso teatro.

A grande dama do palco

A Fundação Brasileira de Teatro completará em julho próximo 41 anos de criação, a partir dos ideais de Dulcina de Moraes e da ajuda de seu marido, Odilon Azevedo, ator, diretor e escritor. Em 1955, Dulcina fundou na Cinelândia, Rio de Janeiro, no antigo teatro Regina (hoje "Dulcina", do IBAC/MinC), uma escola de teatro por onde passaram, naquela época, centenas de futuros diretores, atores e teatrólogos.

Grandes nomes do teatro brasileiro dos últimos tempos também passaram pela escola de Dulcina, como professores ou alunos. Citando apenas alguns atores, podemos lembrar Rubens Corrêa, João das Neves, Irene Ravache, Jaqueline Laurence, Yan Michalski e aquilatar a importância da FBT para o teatro do Brasil. Professores renomados internacionalmente, como o mestre Ziembinski e outros ilustres personagens do nosso teatro, tais como Gianni Ratto, Adolfo Celi, Cecília Meirelles, Joracy Camargo, José Paulo Moreira Fonseca, Junito Brandão, Raimundo Magalhães Júnior, Cacilda Becker, Lilian Nunes, Henriette Morineau, Odilon Azevedo e a própria Dulcina de Moraes também ali estiveram. Esses nomes são a verdadeira história do teatro moderno brasileiro. Só por isso a FBT já justificou a sua existência.

Com a transferência da capital para Brasília, Dulcina de Moraes mobilizou os amigos e os atores para trazer a Fundação Brasileira de Teatro para o Distrito Federal. Nos anos 70, Dulcina veio para o Planalto Central e reinventou a FBT. Ergueu o prédio, um projeto de Oscar Niemeyer, criou a Faculdade de Artes e os teatros Dulcina e Conchita.

A Fundação funciona hoje no chamado coração de Brasília, no edifício Conic, no Setor de Diversões Sul, ao lado de restaurantes, livrarias, cafés e boates. É um ponto de encontro para intelectuais, artistas, músicos, que aproveitam o "burburinho cultural" e a "vida boêmia" para apresentar trabalhos e performances. O Dulcina é uma marca registrada de Brasília. Um dos poucos teatros disponíveis fora do circuito oficial, ele sempre esteve ligado à "resistência" cultural da cidade.

A FBT já formou quase 2 mil alunos, entre bacharéis e licenciados. É a única escola de ensino superior com oito cursos autorizados e reconhecidos pelo Conselho Federal de Educação. Hoje, a Fundação é dirigida por José Maria Bezerra de Paiva, ou simplesmente B. de Paiva, diretor, ator, professor e uma das maiores expressões da vida cultural de Brasília e do país.

A Fundação Brasileira de Teatro tem sido um marco desde seu início. Dulcina de Moraes inventou o "teatro do mundo" no Brasil. Antes do Teatro Brasileiro de Comédia (TBC), Dulcina já praticava a experiência de revisão do chamado palco tradicional, encenando Lorca, Girardoux, O'Neill, Coward e Shaw. Foi a FBT que lançou o escritor e teatrólogo Ariano Suassuna, com "O Auto da Compadecida", mostrado pela primeira vez no Brasil num festival de teatro, do qual Dulcina também foi pioneira no país.

Dulcina fez os primeiros seminários para a Organização do Ensino Teatral e da Educação Artística no Brasil. O parecer que definiu os currículos do Ensino Superior das Artes Cênicas da FBT e da UniRio foi obra da atriz Dulcina de Moraes. A grande dama do nosso teatro "inventou" o descanso das segundas-feiras para os operários do teatro e acabou com o "ponto" nas apresentações, juntamente com Paschoal Carlos Magno, no Teatro do Estudante. Ela criou uma forma de representação, com o mais precioso e preciso "timing" da cena brasileira, além de ter interferido na estrutura da encenação, num tempo em que não se sabia o que era "semiologia teatral". Dulcina era moderna, mesmo quando ainda não se sabia o que era isso.

Mutirão para salvar o Dulcina

Foto: Sílvia Abdon

A Fundação Brasileira de Teatro, desde a sua implantação no DF, se caracterizou por atender aos estudantes de baixa renda da periferia do Plano Piloto de Brasília, normalmente trabalhadores com disponibilidade de horário para cursos noturnos. Esse grupo social foi o mais atingido pelas sucessivas crises econômicas. Aí reside a maior parte dos problemas financeiros vividos pela Faculdade de Artes e pelo Teatro Dulcina de Moraes.

Para colocar a FBT em um regime de administração moderno e dinâmico, o presidente da entidade, B. de Paiva, foi buscar nos quadros do Ministério da Cultura o novo secretário executivo da Fundação, Murilo Alves Nunes, que nos falou sobre seus planos para recuperar a Fundação Brasileira de Teatro. Eis a íntegra da entrevista.

DF-LETRAS — *Qual a situação atual da FBT?*

Murilo Nunes — A Fundação é um centro de formação profissional nas áreas da cultura, música, dança, artes cênicas e plásticas. Tudo feito com o esforço pessoal da Dulcina de Moraes. É claro que ela obteve apoio de governos passados, tal como o de JK, e do GDF. Mas, praticamente, ela construiu tudo sozinha. A FBT está autorizada a oferecer nove cursos, entre bacharelado e licenciatura. A Faculdade hoje tem apenas 390 alunos, mas já chegou a ter cerca de 1.200 estudantes. Em decorrência da crise houve um processo de esvaziamento e estamos oferecendo apenas dois cursos. Mas já começamos a reverter essa situação.

DF-LETRAS — *Como você encontrou a Fundação quando assumiu a secretaria executiva?*

MN — Quando eu assumi, há dois meses atrás, a Fundação tinha dívidas com o governo do Distrito Federal, com o FGTS, além de outras dívidas trabalhistas, tinha atrasados salários de professores e funcionários. Os sa-



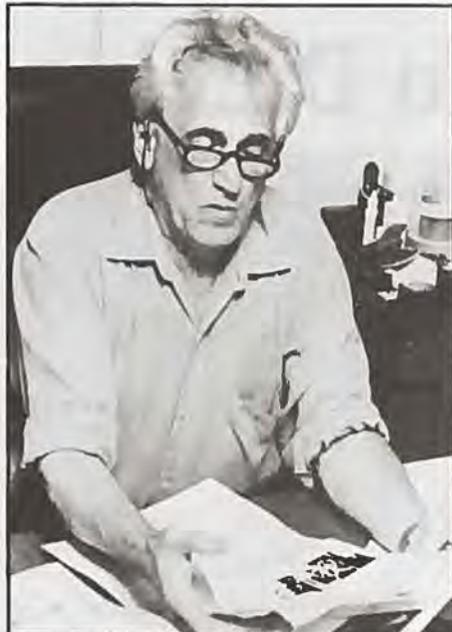
Dulcina interpretando uma cantora de opereta (álbum da família)

lários dos professores estavam atrasados seis meses e o dos servidores, três. Apesar desse quadro, tanto os professores quanto os funcionários deram uma grande prova de amor e dedicação à FBT. Não paralisaram os cursos nem o funcionamento da Faculdade. Hoje essa situação vem sendo vencida com muita dedicação e compreensão.

DF-LETRAS — *A Fundação co-*

meça a resolver o seu dia-a-dia, mas as causas do endividamento ainda permanecem. Como isso será equacionado?

MN — Estamos elaborando um projeto com base na Lei nº 8.313/91, que incentiva a cultura, para alocarmos recursos da ordem de R\$ 940 mil, visando à capitalização da FBT em 96, à liquidação dos débitos e à realização de investimentos ne-



B. de Paiva, presidente da FBT (E), e Murilo Nunes, estão empenhados em buscar recursos na iniciativa privada para o Dulcina

cessários para tornar o Dulcina novamente capaz de assumir a posição de vanguarda no ensino das artes no Brasil.

O projeto conta com o apoio do Ministério da Cultura e o do Secretário Nacional de Apoio à Cultura, Álvaro Moisés. Estamos nos preparando para a captação desses recursos entre pessoas físicas e jurídicas.

DF-LETRAS – Como será essa ajuda?

MN – As pessoas físicas que quiserem fazer doações à Fundação poderão deduzir até 80% do valor no Imposto de Renda, enquanto as jurídicas podem abater entre 60 e 75%. Além dessas ações já mantivemos contatos com o próprio secretário da Receita Federal, Everardo Maciel, que se propôs a analisar a solicitação da FBT de receber doações, através do Ministério da Cultura, de equipamentos eletrônicos apreendidos pela Receita, para a implantação da videoteca da Faculdade Dulcina.

DF-LETRAS — Além do uso da Lei Sarney há algum outro tipo de ação?

MN — A segunda parte do plano de ação será relativa à organização administrativa da FBT, incluindo a Faculdade e os teatros Dulcina e Conchita. A idéia é começar com uma reforma no teatro Dulcina para que ele melhore a qualidade do serviço oferecido, recuperando a imagem da Fun-

dação junto à comunidade para que ela volte a frequentar esse espaço cultural tradicional na cidade.

Estamos envolvidos, também, com a proposta do governo do DF de revitalizar o Setor de Diversões Sul, onde funciona a FBT.

Pretendemos ainda recuperar a biblioteca e instalar o centro de vídeo para os nossos alunos e professores; retomar o intercâmbio com outras entidades locais e internacionais; incluir a FBT no sistema Internet; dar treinamento a alunos e professores; reativar os cursos de dança e música que estavam desativados e o ensino de línguas estrangeiras, para dar aos alunos mais um instrumento de trabalho.

DF-LETRAS – E a classe teatral tem-se mostrado receptiva à recuperação da FBT?

MN – Estamos caminhando lentamente para tornar públicas todas es-

sas idéias. Mas o apoio da classe teatral do Rio, de São Paulo e daqui será fundamental. Brevemente estaremos convidando artistas de todas as áreas culturais para ministrar palestras e laboratórios na Faculdade de Artes. Internamente, professores e alunos estão se engajando nesse plano com bastante entusiasmo. Nesse primeiro semestre estaremos convocando os alunos para atuarem como agentes captadores de recursos, via Lei Sarney, para capitalizar a FBT. Esperamos a colaboração dos empresários de Brasília e dos grandes centros industriais do país.

DF-LETRAS – E os recursos públicos? Eles serão desprezados?

MN – Com relação aos recursos públicos, nós já recebemos os pagamentos dos créditos educativos que o Ministério da Educação devia à Faculdade. Cerca de 25% dos alunos matriculados na Faculdade de Artes são de uma faixa de renda mais baixa e se utilizam do crédito educativo. Entretanto, a assinatura de novos contratos está suspensa pelo governo federal. Para grandes instituições de ensino isso não é problema, mas para a FBT é uma questão de sobrevivência. Se o MEC tem por objetivo acabar com esse programa, o ideal seria que anunciasse logo essa decisão, permitindo às escolas que tomassem as medidas necessárias para não depender mais dele.

“ A idéia é começar uma reforma no Teatro Dulcina, melhorando o serviço e recuperando a imagem da Fundação junto à comunidade ”